

## RESENHA

MAFFESOLI, Michael. *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. 276 p. ISBN 9788530966058.

Resenhado por Anna Nobre<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Recebido em: agosto de 2020  
Aceito em: novembro de 2020  
DOI: 10.26512/les.v21i2.33113

No livro *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*, o sociólogo francês Michel Maffesoli, conhecido por seu trabalho em sociologia compreensiva e fenomenológica, resgata e aprofunda temáticas abordadas em obras anteriores, como a importância da imaginação, além de tratar a questão da temporalidade, denunciando o “presenteísmo” das sociedades pós-modernas e analisando o consciente coletivo que denomina de sabedoria popular. É um estudo recente que trata de um tema atual no qual conceitos, nomenclatura das coisas e suas essências são analisados sob a ótica das práticas sociais da pós-modernidade. Por ser um texto muito denso e cheio de reflexões, esta resenha revela apenas um conhecimento panorâmico e convida os leitores a aprofundarem o conhecimento na obra resenhada.

Na Introdução, o autor explica a temática abordada, esclarecendo que a sabedoria popular ensina que “é preciso saber concordar com a tenra crueldade da ordem das coisas”, fazendo, assim, uma crítica aos protagonistas do “saber estabelecido”, ou seja, a corrente de acadêmicos e intelectuais que são aceitos como detentores do saber. Daí, é esclarecido que se trata de uma crise epistemológica fundada na nossa maneira de pensar e de ser, pela perda da consciência.

O Capítulo 1, “Do saber ao conhecimento”, na seção “O desvelamento adogmático”, faz crítica à imposição do saber de origem religiosa, com a menção da “infalibilidade pontifical”, do

---

<sup>1</sup> E-mail: annacsobre@gmail.com.

Concílio Vaticano I. O autor, contudo, diz que religião e ciência são aspectos diferentes da verdade, o que resulta na relativização de uma verdade única e disso decorre a desconstrução do “substancialismo”, fundamento de nossa maneira de pensar. Ele destaca que a verdade moderna desvela o social racional, enquanto a pós-moderna desvela o social emocional. O “adogmatismo da hermenêutica” induz ao questionamento de um Deus uno e sua Razão Soberana. A seção “*Magister Dunkelhut*” trata do uso de metáforas e do esvaziamento de palavras denominadas de conceitos. A nomenclatura é apontada como um momento crucial na elaboração da significação. A seção “O pensamento pluriforme” critica o conformismo diante das informações e modelos vigentes, inclusive em ambiente acadêmico. Para sair dessa rotina, são necessárias coragem e confiança; o pensador é tido como um “restituidor das artes da vida”.

O Capítulo 2, “O pensamento como eco”, na seção “A saga mítica”, explora a ideia de uma expressão francesa usada quando a pessoa se coloca no “abrigo de suas certezas”, defendendo-se de acontecimentos exteriores. Voltas à essência das “próprias coisas” é o preço que se deve pagar para fugir do “esqueleto” moldado pela vida comum que mascarou a beleza arquitetônica societal. Radicalizar o pensamento - mediante a crença de vários séculos de que é o espírito que cria o natural e o social - é reconhecer que ele é apenas o eco da cultura. A seção “A saga mística” referencia contos/ lendas na construção do entendimento das “coisas”. Por meio de ações realizadas tomando por base seres místicos (Arlequim, Batman etc.), o autor discorre acerca da ambivalência entre sombra/ luz, atração/ repulsa. Com isso, ele justifica que a ordem das coisas repousa num politeísmo de valores. O autor defende que a saga mítica e mística se unem quando o mundo vivido está próximo de quem descreve a ficção científica. Nesse contexto há um ato de humildade quando o “eu penso” é inserido em um pensamento coletivo e, com isso, há um avanço em espiral construído de forma coletiva. A seção “uma sociologia original” descreve uma sociologia que leva a sério o colher/ coletar; estudando um mundo que integra a subjetividade, mas não se reduz a ela. O pensamento original está em identificar qual pode ser sua aplicação em cada época. O autor sustenta que o discernimento – e não a inteligência – conduz a discricção em relação à ordem das coisas.

O Capítulo 3, “O pensamento tradicional”, na seção “a vida efetiva”, trata da força que a tradição possui na compreensão cotidiana. O pensamento tradicional está embasado no “enraizamento dinâmico”, que é o ritmo da vida a partir de uma origem. Daí, o autor compreende que “a força das raízes é uma banalidade de base que não se pode mais ignorar” (p. 113). A seção “A lei da reversão” aborda o conhecimento que a vida efetiva traz acerca do ponto de saturação ao qual chegou a sociedade moderna. O autor conceitua *palingenesia* como uma forma de consciência pela necessidade de transformação e renascimento para um mundo no qual a carga emocional

embasa a vida em sociedade. A vida efetiva é uma constante reversão de elementos primordiais, e isso consolida a permanência da espécie humana.

O Capítulo 4, “Saber (*savoir=ça-voir/isto ver*)”, na seção “O como: é assim”, traz reflexões sobre valores instituídos por uma sociedade e como eles podem interferir nas ações de forma despercebida. O autor defende que o segredo do conhecimento autêntico está na retirada do ser essencial da coisa, ou seja, abordá-la sem querer dominá-la; para tanto, deve-se mobilizar os sentidos e o intelecto. A seção “A superfície das coisas” trata da “fenomenologia do inaparente”, de Heidegger, na qual o questionamento autêntico adota como base um “realismo mais empírico possível” (p. 136). A verdade é fruto do mundo e não da teologia cristã ou construído artificialmente pela modernidade ocidental, que o autor denomina de “economia *stricto sensu*”. O essencial pode ser observado pela superfície. A seção “Da forma à imagem” traz reflexão acerca das aparências e sua influência na vida em sociedade. Como reforço desse mundo de aparências, o autor se utiliza do termo “rebelião das imagens” que representa o pensamento de que a unilateralidade da concepção teórica é “de curta visão”. Nesse sentido, as aparências são colocadas como um simples efeito de moda, mas a passagem da modernidade para a pós-modernidade é uma porta da consciência do sujeito para a consciência ética. O autor sugere aqui uma reinvenção da hermenêutica, de forma a se apegar rigorosamente ao literal em oposição a abstrações teóricas.

O Capítulo 5, “Realidade-Real”, na seção “O pandemônio do real”, define o conceito do real como “a cristalização dos sonhos, fantasmas e fantasias” (p. 162) que acompanhou a humanidade ao longo de sua história. Como características da pós-modernidade estão os contornos fluidos e polissêmicos, que se contrapõem ao positivismo sociológico. O autor reflete sobre enrijecimento dos dogmas que levam jovens pesquisadores e pesquisadoras a fazerem constatações idênticas e questiona se eles/as se tornariam descobridores/as de algo. A seção “a força do nada” detalha a ideia do aspecto holístico do real que nos lembra que quando a sociedade moderna satura, assiste-se a revivescência da sociedade pós-moderna. O “desencantamento do mundo”, conforme Marx, surgiu como consequência de diversas “doutrinas da salvação”.

O Capítulo 6, “Um saber comunitário”, na seção “Da distinção à conjunção”, defende que as coisas são menos efêmeras que os seres humanos; daí o pensamento concreto deve se conformar a essas coisas. O saber comunitário é apresentado como um ato de inteligência ligado organicamente ao grupo que lhe serve de apoio. O autor cita recursos pós-modernos – Wikis, Facebook e outros – para retratar ligações orgânicas e o privado tornado público em um “mosaico onde cada tribo secreta seu próprio saber”. Daí o saber vertical se torna horizontal. A seção “Um conhecimento relativista” defende que apesar da conjunção não há unanimismo, pois na alteridade existe

harmonia, mesmo que conflitual. No mundo pós-moderno, o conhecimento ordinário é plural, ele se dá a partir do outro.

O Capítulo 7, “Socialidade presenteísta”, trata de como o pensamento e a rotina filosófica se desenvolvem num ambiente de constante devir humano. A socialidade, ou habilidade social, é demonstrada como complexa ao estabelecer a relação holística entre o indivíduo e o lugar onde ele se insere. Nesse aspecto, o termo ecosofia (junção de ecologia com filosofia) é usado para retratar características da atual sociedade, sempre em busca do novo, da atualidade, porém reforçando sensibilidade com o futuro e a sustentabilidade. A conquista do presente é uma reivindicação de singularidade plural, e a pessoa plural se exprime no âmbito da comunidade. A socialidade presenteísta se torna “um lugar privilegiado do prazer de ser”.

O Capítulo 8, “O pensar apaixonado”, na seção “O dionisismo epistemológico”, reflete sobre a existência, justificando-se nela mesma. Em contraposição, o autor aponta para uma razão sensível. Ele reflete sobre um pensar apaixonado, que toma como societal e capaz de harmonizar os conflitos das capacidades e potencialidades humanas. Os afetos são apontados como elementos essenciais ao viver-junto e, portanto, devem ser integrados ao pensamento. A seção “A obstinação ‘teológica’” reflete que o universalismo da sociedade oficial moderna cede espaço ao cosmopolitismo da sociedade oficiosa, com atitude de espírito aberta à diversidade de culturas, entrando em conflito com a economia judaico-cristã. A raiva teológica, apesar de considerada pelo autor como menos sangrenta atualmente, não é considerada menos real. A seção “*Libido sciendi*” defende que a atitude humilde dos que se apegam à ordem concreta das coisas é uma atitude em oposição aos que seguem a paranoia intelectual, que valoriza o saber obtido apenas nas leituras. O pensar do senso comum é apontado como uma maneira de capturar a realidade do real. A subjetividade não é vista como obstáculo, mas como condição que oportuniza a reversibilidade entre a transformação e a experiência. A razão sensível e o pensar apaixonado são retomados com a justificativa de suas relevâncias. O desejo por conhecimento (*Libido sciendi*) faz coincidir contrários e acompanha o dinamismo da “terra-mãe”. Ao final, há uma exortação à tarefa de pensar.